

O “retorno” da religião no Brasil e a espiritualidade pós-metafísica a partir da perspectiva de Gianni Vattimo

The “return” of religion in Brazil and post-metaphysical spirituality from the perspective of Gianni Vattimo

Lucas Pereira da Silva Freitas¹

Renato Kirchner²

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre a interação entre política, religião e sociedade no contexto brasileiro, tomando como base a perspectiva pós-metafísica e de secularização do filósofo italiano Gianni Vattimo. Por meio de sua abordagem hermenêutica, almejamos compreender o impacto da secularização na dinâmica religiosa e suas consequências, especialmente em sua relação com o cenário político marcado pela polarização, que, por vezes, propicia aberturas para manifestações de violência. Exploraremos, também, como a espiritualidade pós-metafísica, segundo Vattimo, pode fornecer insights valiosos para a interpretação do futuro da religião e suas interações com a sociedade e o Estado. Este estudo fundamenta-se nas obras-chave do filósofo e em contribuições relevantes de comentadores, adotando uma abordagem metodológica que privilegia a interpretação qualitativa e hermenêutica. A revisão bibliográfica abrangerá uma análise crítica das principais obras de Vattimo, contextualizando suas ideias dentro do panorama sociopolítico brasileiro. O objetivo é oferecer uma análise aprofundada e contextualmente enraizada, promovendo uma compreensão mais abrangente das complexas interações entre política, diversidade religiosa e narrativas de violência e bioética no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Religião. Violência. Política. Secularização. Bioética.

Abstract: This article proposes a reflection on the interaction between politics, religion and society in the Brazilian context, based on the post-metaphysical and secularization perspective of the Italian philosopher Gianni Vattimo. Through its hermeneutic approach, we aim to understand the impact of secularization on religious dynamics and its consequences, especially in its relationship with the political landscape marked by polarization, which sometimes fosters openings for manifestations of violence. We will also explore how post-metaphysical spirituality, according to Vattimo, can provide valuable insights for interpreting the future of religion and its interactions with society

¹ Licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos pelo SENAC, licenciado em Filosofia pela Claretiano, graduado em História e Letras-Inglês pela Faculdade IBRA e mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Orcid: <0009-0002-7460-5128>. E-mail: lucaspsfreitas@hotmail.com.

² Doutor e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, graduado em Filosofia pela Universidade São Francisco (USF), São Paulo. Professor e pesquisador da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Diretor da Faculdade de Filosofia. Membro do corpo docente permanente da Faculdade de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e do Núcleo de Fé e Cultura da PUC-Campinas. Orcid: <0000-0003-3105-1401>. E-mail: renatokirchner00@gmail.com.

and the state. This study is based on the philosopher's key works and relevant contributions from commentators, adopting a methodological approach that privileges qualitative and hermeneutical interpretation. The literature review will encompass a critical analysis of Vattimo's main works, contextualizing his ideas within the Brazilian sociopolitical panorama. The goal is to offer a thorough and contextually grounded analysis, promoting a more comprehensive understanding of the complex interactions between politics, religious diversity, and narratives of violence and sexuality in contemporary Brazil.

Keywords: Religion. Violence. Politics. Secularization. Bioethics.

Introdução

O Brasil apresenta uma diversidade cultural e religiosa notável, onde as interações entre política, religião e sociedade criam complexos entrelaçamentos identitários. A secularização, um processo gradual no país, manifesta-se na convivência de diversas tradições religiosas, embora o catolicismo continue a ser predominante. Nesse cenário, a filosofia pós-metafísica oferece uma perspectiva relevante para analisar a relação entre secularização e religiosidade, onde hoje há diversas disponibilidades de diferentes religiões, porém, não podemos eliminar o fato de que o Brasil é o maior país católico do mundo, levando a mudanças significativas na forma como a religião é vivenciada e praticada.

Nesse contexto, traremos a filosofia pós-metafísica de Gianni Vattimo para oferecer uma perspectiva provocante a fim de analisar essa relação. A secularização, enquanto processo histórico e sociocultural, implica não apenas na diminuição da autoridade religiosa nas esferas políticas e públicas, mas também na emergência de uma pluralidade religiosa que caracteriza sociedades contemporâneas como a brasileira. Embora o catolicismo continue a ser a religião predominante no país, o ambiente secularizado propicia a convivência e a visibilidade de diversas tradições religiosas, como o protestantismo, as religiões afro-brasileiras, o espiritismo e outras correntes espirituais. Podemos pensar a partir de Vattimo (2004b, p. 35): “Reconhecido no seu ‘parentesco’ com a mensagem bíblica da história da salvação e da encarnação de Deus, o enfraquecimento que a filosofia detecta como traço característico da história do ser se chama secularização”. Esse fenômeno não se traduz em uma simples extinção da religião no espaço público, mas em uma redefinição das relações entre religião, política e identidade social, permitindo uma coexistência plural e multifacetada de práticas e crenças.

A secularização no Brasil também promovido a redução da influência do sagrado nas esferas públicas, permitindo a convivência de diversas tradições religiosas, como o catolicismo, o protestantismo e as religiões afro-brasileiras. Esse processo resulta numa pluralidade religiosa crescente, onde as crenças coexistem sem a imposição de uma única doutrina. A filosofia pós-metafísica de Gianni Vattimo, ao questionar verdades universais, ilumina a transformação das práticas religiosas num contexto mais aberto ao diálogo. Assim, a secularização facilita a liberdade religiosa e redefine o papel do sagrado na sociedade, abrangendo todas as formas de dissolução do sacro no processo civilizatório moderno.

Para Gianni Vattimo (2004a, p. 94), a secularização não é um processo de declínio irreversível da religião, mas sim uma transformação que convida a uma compreensão mais interpretativa e pluralista da espiritualidade. Assim, a contemporaneidade deixa em aberto o “retorno” da religião sob novas perspectivas e aceitação do que é diferente. A religião, longe de desaparecer, assume então novas formas e significados na sociedade contemporânea, sob aspectos de declínio da objetividade da verdade, mas também de maior abertura à caridade, pluralidade e alteridade. Segundo Santiago Zabala (2006, p. 33): “A secularização nada mais é que a história do pensamento fraco: é a secularização, de fato, a nos ensinar que as interrogações sobre a natureza de Deus são inúteis em virtude da fraqueza de nossa razão”.

De fato, a história do Brasil está profundamente entrelaçada com a religião, sendo inicialmente marcada pela colonização portuguesa e pela presença dominante do catolicismo. No entanto, ao longo dos séculos, diversos eventos históricos, como a Proclamação da República em 1889 e a Promulgação da Constituição de 1891, contribuíram para a separação gradual entre Igreja e Estado, sinalizando o início do processo de secularização. A secularização, no Brasil, impacta a religião pela notoriedade de que a diversificação religiosa ganha espaço com o surgimento e crescimento de outras tradições, como o protestantismo, espiritismo e novos movimentos religiosos. Diante disso, alguns questionamentos problemáticos podem ser colocados: Há, então, um declínio do papel da religião organizada em um contexto de crescente individualismo e pluralismo religioso? Como as instituições religiosas tradicionais estão se adaptando e mantendo relevância na sociedade brasileira? Como se dá o lugar da espiritualidade na era secular? Em meio ao declínio da religião institucionalizada, como a espiritualidade

individualizada e a busca por uma conexão com o transcendente estão se manifestando na sociedade brasileira? Há também desafios da diversidade religiosa e da tolerância à medida que a sociedade brasileira se torna cada vez mais pluralista religiosamente, quais são os desafios enfrentados para garantir a coexistência pacífica e o respeito mútuo entre diferentes visões e construções sociais de mundo? Como a obra de Vattimo e seus comentadores nos ajudam a problematizar essa discussão no Brasil?

O pluralismo religioso observado no Brasil de hoje é reflexo da diminuição da hegemonia católica e da abertura para novas expressões espirituais. Assim, podemos dizer que houve uma adaptação às mudanças sociais, por meio das práticas religiosas, que se adaptam às mudanças sociais, refletindo as transformações na estrutura familiar, nos valores morais e nas relações de gênero. Algumas tradições religiosas passam por reformulações para se alinhar com as demandas de uma sociedade em constante evolução, enquanto outras mantêm tradições mais conservadoras, evidenciando a diversidade de respostas à secularização.

A secularização também terá influências políticas como, por exemplo, na participação das instituições religiosas dentro dos três poderes. Enquanto a Igreja Católica historicamente desempenhou um papel significativo, outras denominações religiosas têm ganhado espaço, muitas vezes moldando agendas políticas e influenciando debates sociais. A ascensão de líderes religiosos em cargos políticos evidencia a complexa interação entre religião e política. A secularização também tem impactado diretamente nas práticas religiosas cotidianas, pois observa-se uma diminuição da frequência às igrejas, uma maior seletividade na adesão a rituais e uma busca por espiritualidades mais personalizadas e flexíveis, o que representa um processo gradual de desinstitucionalização.

A disseminação da informação e o acesso a diferentes tradições religiosas também contribui para a reconfiguração das práticas religiosas individuais. O que já é bem concreto nessas mudanças torna-se evidente pela popularização de igrejas neopentecostais, na ascensão do espiritismo como uma prática comum, e na crescente visibilidade de movimentos que integram elementos religiosos e espirituais em contextos laicos. A adaptação religiosa ocorre não apenas no âmbito individual, mas também na forma como as comunidades religiosas se posicionam e se engajam nas questões contemporâneas. Em suma, a secularização no Brasil não apenas remodela o cenário

religioso, mas também desafia e transforma as práticas e crenças individuais e coletivas. A religião se adapta de maneiras diversas e a compreensão dessas adaptações é essencial para uma análise abrangente das dinâmicas religiosas no contexto brasileiro contemporâneo.

Cleber Araújo Souto Baleeiro, em seu artigo “O sentido de secularização em Vattimo (2009)”, tanto esclarece o posicionamento vattiminiano como abre para novos questionamentos:

Para Vattimo (2004a, p. 90), a secularização nasce no Ocidente pela relação que este tem com o cristianismo. Ele acredita que falar de Ocidente é falar de cristianismo. Essa afirmação não implica numa visão religiosa do Ocidente, mas no reconhecimento de que nas bases de sua formação está a herança cristã, que continua viva, ainda que de forma secularizada (Baleeiro, 2009, p. 83-84).

Rorty e Vattimo (2006) argumentam que, à medida que as estruturas metafísicas enfraquecem, a religião se transforma numa experiência mais interpretativa e plural. As verdades religiosas não são mais percebidas como dogmas rígidos, mas como narrativas simbólicas abertas a interpretações variadas, de modo que um dos pilares da perspectiva pós-metafísica é o declínio da busca por verdades absolutas e eternas. Para Vattimo, isso é crucial para a compreensão da religião na sociedade secularizada.

A ideia de uma verdade única é substituída pela aceitação da multiplicidade de interpretações e narrativas religiosas, refletindo a natureza fluida do pensamento pós-metafísico. Sendo assim, não significa a exclusão da religião, mas a transformação do seu papel na sociedade. Dessa maneira, numa sociedade secularizada, a religião coexiste com diversas perspectivas, contribuindo para um ambiente mais tolerante e diversificado. Com efeito, a mesma contribuição destaca a importância do enfraquecimento da metafísica para a aceitação da diversidade e a interpretação constante das expressões religiosas num mundo em constante transformação como propõe seu conceito de *pensiero debole*³ dentro da evidência do pluralismo e inclusivismo. Porém, cabe destacar que há sim resquícios de pensamentos induzidos para o fundamentalismo, o que se consagra como um

³ *Pensiero debole* é um conceito fundamental no pensamento do filósofo italiano Gianni Vattimo. Traduzido para o português como “pensamento fraco”, essa abordagem filosófica propõe uma visão crítica das estruturas tradicionais de pensamento, questionando a ideia de verdades fixas e absolutas. Gianni Vattimo desenvolveu o *pensiero debole* como uma resposta à crise da metafísica e como uma alternativa para lidar com a complexidade e a pluralidade da realidade contemporânea.

“*pensamento forte*”⁴ – conforme iremos tratar mais adiante. Contudo, é importante salientar que, segundo Vattimo, nem toda metafísica é violenta, mas toda violência possui traços metafísicos e, quando estes se consolidam, são intolerantes e não englobam a pluralidade. São, portanto, exclusivistas e de tradição realístico-objetivista:

A negação da verdade seria, de algum modo, o corolário teórico da luta contra toda forma de poder que se impõe como dominação e violência. A crítica à pujança da razão metafísica como filosofia hegemônica é, por parte do *pensiero debole*, reveladora, em última instância, do seu caráter eminentemente político. Deste modo, o pensamento político de Vattimo já está presente, mesmo que de forma embrionária, na sua postura de constante distanciamento em relação à verdade quando emoldurada na petulância da força. Assim, a crítica constante à metafísica não é reduzida a um abalroamento de discussão filosófica desinteressada em relação às condições históricas e concretas do homem. O enfrentamento da metafísica é seguido por um vislumbre de processo de emancipação, de libertação dos laços sedimentados “desde sempre” pela história da dominação da natureza e dos homens respaldada por uma razão cientificista. Para Vattimo, esse vislumbre está na base da própria motivação para saída em direção ao distanciamento do pensamento impositivo da tradição realístico-objetivista (Mota, 2017, p. 15).

A perspectiva pós-metafísica rejeita a rigidez dogmática e o fundamentalismo, promovendo uma visão mais aberta e flexível. Isso é especialmente relevante em contextos políticos e religiosos onde o fundamentalismo pode contribuir para a polarização. Ao analisar mudanças políticas e religiosas no Brasil, a perspectiva pós-metafísica também levanta desafios éticos e políticos. Ela exige uma reflexão constante sobre as implicações de diferentes narrativas políticas e religiosas, incentivando uma participação cidadã informada e crítica e que saiba filtrar informações. Isso, porém, também está em declínio, principalmente com a globalização e o excesso de informações existentes. Nesse sentido, seria essencial promover o diálogo e a tolerância entre diferentes perspectivas religiosas, valorizando o pluralismo e a diversidade cultural como elementos fundamentais para a construção de uma sociedade justa e harmoniosa, sob

⁴ O “*pensamento forte*” surge dentro da tradição filosófica ocidental, sobretudo a partir da metafísica clássica, que se estrutura em torno da busca por verdades universais e imutáveis. É o caminho de controvérsia do *pensiero debole*, estando marcado por uma pretensão à objetividade, à transcendência, e à fundação de uma realidade única, centralizada e permanente. Ele está associado ao paradigma da autoridade, da razão totalizadora e do poder instituído. É o que a modernidade e o positivismo reforçam, com o ideal de controle e dominação sobre o mundo, isso é uma tendência fundamentalista, bem como a tomada do *ser* enquanto absolutamente dado. De acordo com Vattimo (2018b, p. 165): “soluções disponíveis no mercado se enfileiram de um lado ou de outro: você se alinha entre os cristãos, ou se alinha entre os fundamentalistas racionalistas, ou entre os fundamentalistas islâmicos”.

ênfase na desconstrução, diálogo, aceitação da diversidade e relativização das identidades, a fim de oferecer uma base conceitual na construção de uma sociedade mais inclusiva, coesa e resiliente num contexto secularizado.

Para Ricardo Mariano (2002), o fundamentalismo é uma resposta conservadora à modernidade e secularização, buscando reafirmar valores religiosos ou culturais tradicionais de maneira dogmática e rígida. Esse movimento se opõe à pluralidade e diversidade características da modernidade. O conceito de “pensamento forte” de Vattimo, que busca certezas absolutas e verdades universais, pode ser relacionado ao fundamentalismo, já que ambos rejeitam o pluralismo e a relativização das verdades. Vattimo critica o “pensamento forte” por limitar o diálogo e a aceitação da diversidade. O fundamentalismo, assim, é uma forma de resistência ao enfraquecimento das grandes narrativas e à multiplicidade de perspectivas defendidas por Vattimo e que no Brasil tem pulsões desde o final do século XIX quando a separação entre Igreja e Estado, consolidada pelo Decreto de 1890, foi crucial para o surgimento de um pluralismo religioso brasileiro, que resultou na concorrência religiosa e no crescimento de movimentos como o pentecostalismo.

Dessa maneira, a secularização do Estado brasileiro, embora não tenha sido completamente realizada durante períodos como a era Vargas, foi essencial para enfraquecer o monopólio da Igreja Católica e garantir a liberdade religiosa. Essa liberdade permitiu o reconhecimento e crescimento de novas religiões, gerando um mercado religioso competitivo. O fundamentalismo, nesse contexto, pode ser visto como uma reação a esse pluralismo crescente, buscando restaurar uma visão única e absoluta, em oposição à multiplicidade de crenças garantida pelo Estado, como argumenta Ricardo Mariano:

Da sanção ao Decreto n. 119A de 1890, que legalizou a separação Igreja-Estado, laicizando a esfera estatal e instituindo plena liberdade religiosa, ao princípio do século XXI, o Estado republicano brasileiro trilhou percurso dos mais acidentados até, recentemente, se tornar formalmente um Estado democrático de direito. O princípio republicano da separação, conquanto fosse abertamente minimizado na era Vargas em prol da Igreja Católica e, no decorrer do século XX, jamais resultasse na neutralização da ação estatal na economia religiosa brasileira, exerceu papel crucial no desmonte do monopólio católico e na diminuição de seus privilégios. Ao lado do princípio da separação republicana, o Estado brasileiro assegurou o direito à liberdade religiosa dos indivíduos e das religiões acatólicas, garantia estatal fundamental

para a consolidação do pluralismo religioso. Mesmo durante os regimes ditatoriais, o Estado foi compelido a zelar pela liberdade religiosa e de culto; e cada vez mais à medida que essas religiões, com tamanho, poder e influência crescentes, passaram a exigir, e não apenas pleitear, tratamento isonômico da esfera estatal, na tentativa de, por um lado, obstar sua privilegiada relação com a Igreja Católica e, de outro, conquistar certos privilégios para si próprias. Assegurada constitucionalmente desde 1891 pelo Estado republicano, expressa na Assembleia nacional francesa de 1789 e ratificada na Assembleia Geral das Nações Unidas de 1948, a liberdade religiosa – declarada em ambas as assembleias “direito” universal do homem – é, sem dúvida, a pedra angular da vasta transformação sofrida pelo campo religioso brasileiro, antes monopolizado e, quando muito, sincretizado sob o manto católico, num diversificado e exuberante mercado religioso. Em suma, eis o resultado da separação Estado-Igreja: a secularização do Estado, a liberdade religiosa, a dilatação do pluralismo religioso ou da oferta de religiões, a intensificação da concorrência religiosa, a constituição de um mercado religioso abertamente competitivo. Por fim, cumpre afirmar que, sem a secularização do Estado brasileiro e a garantia estatal à liberdade religiosa, o pentecostalismo dificilmente poderia usufruir das condições necessárias para granjear tamanho sucesso numérico, midiático e político (Mariano, 2002).

Assim, fundamentado em sua visão pós-metafísica, Vattimo (2002) propõe uma abordagem que considera a contingência e a pluralidade de interpretações como elementos constitutivos da religiosidade contemporânea. Dessa maneira, é possível compreender a religião secularizada não somente como um enfraquecimento ou fim da religião (escatologia), mas como uma transformação em que a religiosidade é reinventada e retornada num contexto diversificado. Cabe salientar que em contextos religiosos tradicionais, a escatologia aborda a ideia de uma conclusão ou resolução absoluta da história e da religião para o contexto pós-metafísico a secularização não é vista como o fim da religiosidade, mas como uma mudança na maneira como a religiosidade é vivenciada; essa escatologia é o enfraquecimento do ser, não mais objetivamente dado, mas aberto para seu entorno por meio da linguagem, inserindo-se no cenário em que as religiões se reinventam e dialogam, sob a transformação religiosa como uma dinâmica contínua e não uma dissolução final, logo, o enfraquecimento de um modelo religioso fixo, dando espaço a uma multiplicidade de experiências e práticas espirituais.

Porém, ao aplicar o pensamento de Vattimo à realidade brasileira, é preciso considerar dois pontos específicos importantes: 1) A tradição católica no país, que, por exemplo, ao enfrentar desafios como a crescente adesão a novas religiões e a emergência de movimentos espirituais alternativos, precisa se reinventar para continuar a ser

relevante na vida das pessoas; 2) Questões relacionadas à moralidade, ética, bioética, espiritualidade e justiça social também se entrelaçam à discussão sobre o futuro da religião secularizada no Brasil, com problemáticas ligadas à negação da verdade e intolerância para a abertura do dogma e da espiritualidade frente ao ocultamento de informações que fomentem um maior significado e aproximação do catolicismo, que é a maior religião presente no Brasil e que se estende, por sempre estar acima da laicidade, ao vidente domínio político e do espaço público.

Sexualidade e violência metafísica: fatores para a desinstitucionalização religiosa

No discurso filosófico de Vattimo, as questões entrelaçadas da sexualidade e da violência metafísica surgem como fenômenos complexos e interligados no âmbito da sociedade contemporânea. A crítica de Vattimo à metafísica tradicional se estende às suas implicações na sexualidade humana e na perpetuação da violência, por exemplo. O filósofo reconhece que estruturas metafísicas tradicionais impuseram historicamente normas rígidas sobre a sexualidade, levando frequentemente à marginalização e à repressão de identidades e expressões sexuais diversas. Essas construções metafísicas, enraizadas em categorias ontológicas fixas e absolutos morais, serviram para reforçar dinâmicas de poder que perpetuam violência e discriminação contra indivíduos, cujas sexualidades se desviam das normas prescritas e são praticadas pelas instituições católicas no Brasil.

No livro *O futuro da religião*, podemos ler de Santiago Zabala:

O fato de que hoje a maioria dos católicos praticantes não considere a ética sexual sustentada pela Igreja necessária à própria fé equivale a um apelo à privatização da religião. Se a Igreja continuar se apresentando como um poder autoritário, corre o risco da marginalidade e obriga indiretamente os fiéis a privatizarem a fé (Zabala, 2006, p. 40).

Além disso, Zabala esclarece como essas bases metafísicas contribuem para a normalização da violência dentro das estruturas sociais de tabu frente à homossexualidade. Ao defender verdades absolutas e sistemas hierárquicos de poder, a metafísica tradicional não apenas sanciona, mas também legitima várias formas de violência, incluindo aquelas dirigidas às comunidades sexuais marginalizadas, o que se evidencia claramente aqui no Brasil. Em essência, o aspecto da violência metafísica oferece uma profunda interrogação sobre a interação entre sexualidade e violência

metafísica, defendendo uma mudança de paradigma em direção à abertura, aceitação e pluralismo ético no discurso e prática da sexualidade humana.

A crescente e exposta prática de imposição de uma única interpretação da realidade religiosa e fechamento para a laicidade também contemplam a secularização que, muitas vezes, está enraizada nas concepções metafísicas fixas e inquestionáveis, o que leva à justificação e à legitimação de diversas formas de discriminação, intolerância e até mesmo violência física contra aqueles que não se conformam com essas crenças ou que têm visões divergentes.

A violência metafísica na religião é problemática porque nega a pluralidade de experiências humanas e impede o diálogo intercultural e inter-religioso. Segundo Bottoni, (2022, p. 93): “Vattimo acredita que exemplos como o sacerdócio feminino e o tabu da homossexualidade são temas relativamente fáceis e apropriados de seu discurso sobre secularização.” Assim, pode-se pensar a sexualidade e a violência metafísica como aspectos que refletem e contribuem para a desinstitucionalização religiosa numa era de pluralidade, liberalização moral e crítica à autoridade tradicional e crítica à própria disciplina não inclusiva. Num artigo de Vattimo, intitulado “Igrejas sem religião, religião sem igrejas?”, podemos ler:

E em relação à experiência religiosa que fazemos no interior desse espaço cultural – tanto como crentes, quanto como *meio crentes* ou até mesmo como ateus –, poderíamos dizer que o cristianismo está vivendo uma fase de *des-institucionalização*, ou, pelo menos, um momento do qual a verdade da fé pode salvar-se apenas reduzindo drasticamente o peso da autoridade central e, sobretudo, dos dogmas e da disciplina (Vattimo, 2010, p. 169).

A discussão de Felipe de Queiroz Souto (2023), publicada na revista *Numen*, evidencia que a Igreja muitas vezes impõe valores morais disfarçados de ética ao estabelecer normas e princípios baseados em interpretações absolutas de suas doutrinas religiosas. Essas normas são frequentemente apresentadas como sendo de natureza ética, ou seja, como princípios universais que devem ser seguidos por todos, independentemente de suas crenças ou contextos culturais. Esses valores morais impostos pela Igreja são, na verdade, uma forma de violência metafísica, pois representam uma imposição arbitrária de uma única visão de mundo como a única verdadeira e válida. Essa imposição de valores morais absolutos tende a excluir e marginalizar perspectivas alternativas, negando a pluralidade de experiências humanas e a diversidade de visões éticas. Além disso, podemos observar que essa imposição de valores morais pela Igreja

muitas vezes é acompanhada de coerção e manipulação, seja através de ameaças de punição divina para aqueles que não seguem as normas estabelecidas, seja através da promoção de um sentido de culpa e pecado para aqueles que desafiam as convenções morais impostas:

A imposição de qualquer valor moral disfarçado de uma ética que se diz importante ao ser humano é um ato de violência. Não é à toa que Vattimo identifica esse mecanismo em seu ensaio “Violência, metafísica, cristianismo” publicado em *Depois da cristandade* (2004b) como algo que perdura no cristianismo através de uma tradição jurídico-naturalista, isto é, a manutenção de um poder ético e moral de acordo com a doutrina do naturalismo católico que prevê a essência natural do ser humano enquanto criatura de Deus (Souto, 2023, p. 48-49).

A imposição de valores morais rege as normas rígidas que desconsidera a pluralidade humana. Esse é o “pensamento forte” que persiste pela mitologia cristã transsubstanciada, sendo essa a bioética da essência da religião enquanto prática violenta, como sustenta Vattimo em *Adeus à verdade* (2016, p. 71): “Tomar a mitologia cristã como se fosse uma descrição da realidade alternativa à das ciências é um absurdo autoritário que a Igreja deveria abandonar, para evitar escandalizar os fiéis.” A crítica do filósofo destaca como a aplicação rígida de normas morais, sustentada por uma visão cristã autoritária, pode marginalizar outras formas de entender a moralidade e a vida em sociedade. A bioética, nesse sentido, quando atrelada a essa perspectiva religiosa inflexível, pode ser vista como um reflexo de práticas violentas, que desconsideram a diversidade de crenças e experiências. Vattimo sugere, assim, a necessidade de uma religião mais aberta, capaz de dialogar com as ciências e com as múltiplas realidades sociais, sem manter um discurso que marginalize a pluralidade. A crítica visa, portanto, a promoção de uma abordagem ética mais inclusiva e adaptável ao contexto contemporâneo, logo, a crítica à diversidade está na essência da nostalgia da manutenção, a religião é violenta porque passa a ignorar sua posição no espaço e no tempo, ou seja, dentro de determinada tradição e se prende numa moralidade rígida e não se abre às novas questões bioéticas.

Contextualização da secularização no Brasil

A secularização no Brasil apresenta características peculiares que a diferencia de outros contextos ocidentais como é o caso da Europa, por exemplo. Embora se desconfie que a secularização brasileira esteja ainda sob um fenômeno inacabado e o processo de modernização no país tenha conduzido à separação formal entre Estado e religião, evidenciado pela Proclamação da República em 1889 e pela Constituição de 1988, que reafirmam o caráter laico do Estado, a presença religiosa no espaço público e político permanece robusta e influente. A secularização, no caso brasileiro, não se manifesta como um afastamento completo da religião, mas como uma transformação da sua forma de inserção na sociedade.

Esse processo de secularização no Brasil envolve não tanto o desaparecimento das crenças religiosas, mas uma modificação de seu papel social e cultural. As tradições religiosas, especialmente o cristianismo nas suas vertentes católica e evangélica, deixam de exercer um controle exclusivo sobre as normas morais e éticas da sociedade, mas continuam a ser forças relevantes no campo das subjetividades, no debate público e na formação de identidades coletivas. Um aspecto relevante nesse contexto é a crescente pluralidade religiosa, refletida tanto no surgimento e expansão de religiões neopentecostais quanto no reconhecimento de práticas religiosas de matriz africana, o espiritismo e outras novas expressões de espiritualidade. Essa pluralidade religiosa cria um ambiente no qual a religião se reinventa e ressignifica suas práticas e discursos, ajustando-se às exigências de uma sociedade contemporânea e globalizada, ao mesmo tempo que desafia os limites do espaço público laico e ganha espaço no debate público. Um autor que merece relevância aqui é Peter Berger, que aponta que a secularização social não se traduz necessariamente a uma consciência individual secularizada. Muitas comunidades religiosas, longe de se adaptarem às exigências de um mundo secular, sobreviveram e até prosperaram mantendo suas crenças e práticas tradicionais. Isso evidencia que os experimentos com formas de religião secularizada frequentemente falharam, enquanto movimentos religiosos que incorporam elementos de sobrenaturalismo reacionário conseguiram alcançar grande sucesso (Berger, 2000).

Enquanto o conceito de secularização na Europa está associado a um longo processo histórico que envolve a separação gradual entre religião e Estado, o avanço da modernidade e o enfraquecimento das instituições religiosas tradicionais, no Brasil, essa

dinâmica segue uma trajetória distinta. Ou seja, no caso brasileiro, a secularização parece menos linear. Embora a Constituição de 1988 defina o Brasil como um Estado laico, o sagrado continua presente de forma expressiva na vida pública e privada. O crescimento das igrejas neopentecostais, o sincretismo religioso e a forte influência da religião em questões políticas e sociais sugerem que a secularização no Brasil é, na verdade, um fenômeno híbrido, onde a modernidade convive com formas de religiosidade adaptadas à contemporaneidade. Desse modo, a secularização no Brasil pode ser pensada como um processo que não segue a mesma lógica europeia de enfraquecimento institucional do sagrado, mas sim como uma adaptação e transformação do religioso, em que o sagrado permanece uma força ativa, embora reconfigurada, nas esferas pública e privada, de modo que o Brasil segue mais num plano de “igualdade diferenciada”.

Assim, o modelo de secularização observado na Europa Ocidental deve ser considerado um caso excepcional, pois o que se vê em contextos como o brasileiro é uma complexa convivência entre a modernidade e a religiosidade. Essa interação sugere que a religião, em vez de declinar, pode se reinventar e se fortalecer em resposta às dinâmicas sociais contemporâneas, desafiando as premissas da secularização como um processo linear e unidimensional. Portanto, a análise da secularização deve levar em conta essa pluralidade de experiências religiosas e a persistência de crenças que resistem às pressões da modernidade. Marcela Tanaka reflete a este respeito:

A ideia central da teoria da secularização, portanto, é que “a modernização leva necessariamente a um declínio da religião, tanto na sociedade quanto na mentalidade das pessoas” (Berger, 2001, p. 10). Porém, embora a modernização tenha produzido efeitos secularizadores e certo desencantamento do mundo, nos argumentos de Weber (1971), também teria provocado o surgimento de movimentos antissecularização. Berger (2001) relata que a secularização no nível da sociedade não está necessariamente associada à consciência no nível individual. Isso significa que, se o argumento da secularização estivesse correto, as comunidades religiosas só sobreviveriam se tivessem se adaptado às exigências do mundo secularizado. No entanto, o que ocorreu mais genericamente foi a sobrevivência de comunidades religiosas que não tentaram se adaptar a essas demandas. Isto é, “os experimentos com a religião secularizada geralmente fracassaram; e os movimentos religiosos com crenças e práticas saturadas de sobrenaturalismo reacionário [...] tiveram grande sucesso” (Berger, 2010, p. 10-12). Dessa forma, o modelo de secularização da Europa Ocidental passou a ser considerado um caso excepcional dentro das possibilidades de desenvolvimentos históricos (Mariano, 2011) (Tanaka, 2021, p. 178).

A secularização brasileira, assim, pode ser entendida como um movimento de transformação e adaptação das instituições e práticas religiosas, que, embora percam parte de sua autoridade sobre a esfera pública, continuam a influenciar o comportamento e as decisões políticas, sociais e culturais. Esse fenômeno é especialmente visível no contexto político recente, em que lideranças religiosas desempenham papéis ativos na formulação de políticas públicas e na moldagem do debate moral, ao mesmo tempo em que a sociedade busca novos arranjos para lidar com a pluralidade de valores e crenças. Esse tipo de secularização demonstra que a modernidade no Brasil não impôs uma ruptura absoluta com a tradição religiosa, mas promoveu uma relação mais fluida e dinâmica entre o sagrado e o profano, onde as fronteiras entre religião e política, público e privado, espiritualidade e laicidade estão em constante negociação.

Uma perspectiva importante para pensar a secularização encontramos na obra de Paula Monteiro (2009), em que a autora argumenta, juntamente com o pensamento de Habermas, que, no Brasil, a separação entre Igreja e Estado gerou um pluralismo religioso, diferente do que ocorreu na Europa, especialmente na França, onde esse pluralismo surgiu após conflitos religiosos. Ela destaca que, no Brasil, o reconhecimento da diversidade religiosa e a liberdade religiosa foram resultados de um longo debate político e científico sobre o que poderia ser considerado “prática religiosa” válida pelo Estado e pela sociedade, que se aproxima das ideias de Vattimo ao reconhecer a transformação das grandes narrativas religiosas e o processo de adaptação da religião à modernidade. De fato, Vattimo entende a secularização como o enfraquecimento das verdades absolutas, o que leva a um pluralismo de perspectivas e ao relativismo na interpretação da realidade. No Brasil, como sugere Paula Monteiro, a separação entre Igreja e Estado não resultou em um apagamento da religião, mas na multiplicação e no reconhecimento de novas formas de religiosidade, algo que ressoa na ideia de Vattimo de que as grandes narrativas (inclusive religiosas) se desintegram, dando espaço a uma pluralidade de crenças, por mais racionalizado que o mundo possa ainda ter se tornado sob perspectiva weberiana:

Se considerarmos essa distinção habermasiana entre Estado/sociedade civil/esfera privada como fundadora de nossa modernidade, tal como sugere este autor, e a partir dela voltarmos nosso olhar para o modo como essa diferenciação se produziu historicamente no Brasil na passagem do século XIX para o século XX, poderemos, a nosso ver,

colocar em um novo patamar o debate sobre as relações entre o espaço público e a religião.

Partiria da hipótese inicial de que, ao contrário do que aconteceu na Europa, particularmente na França, onde o pluralismo religioso emerge como valor político a partir de uma longa história de guerras religiosas e movimentos cismáticos que desafiavam a correspondência entre unidade política e unidade religiosa, no Brasil o próprio processo de separação Igreja/Estado teve como produto histórico a produção de novas religiões. Se a “liberdade religiosa”, compreendida como liberdade de consciência, foi cronologicamente a primeira liberdade, isto é, condição de todas as outras, como sugere Casanova (1994), o “pluralismo religioso” no Brasil não resultou da conflituosa convivência de diversas confissões religiosas preexistentes à constituição do Estado republicano – em particular o catolicismo, as “seitas” protestantes e os judeus, como no caso francês – cuja presença pública e direitos civis o Estado pretendeu regular. O pluralismo religioso no Brasil, isto é, o reconhecimento legal da diversidade de cultos e a garantia de liberdade religiosa, foi o resultado de um longo debate político-científico em torno daquilo que o Estado (e a sociedade) podiam legitimamente reconhecer e aceitar como “prática religiosa” (Montero, 2009, p. 10).

Assim, a secularização no Brasil, segundo Paula Montero (2009), envolve a transformação das relações entre religião, sociedade e cultura, com a perda do monopólio da Igreja Católica, mas mantendo a presença da religiosidade popular e movimentos como o neopentecostalismo. Monteiro destaca a resistência da religião nas práticas sociais, enquanto Mariano observa que, apesar da separação Igreja-Estado, a religião ainda influencia a vida política e cotidiana. A obra de Vattimo amplia esse conceito, ao entender a secularização como o enfraquecimento das grandes narrativas e enfraquecimento do ser, incluindo a religiosa, significando assim a abertura para uma pluralidade de perspectivas. No Brasil, isso se traduz numa reinvenção da religiosidade em um contexto moderno, onde as crenças coexistem e se transformam.

O “retorno” da religião no Brasil

É claro que a religião sempre esteve aqui e nunca nos deixou, mesmo que o Iluminismo e sua conseqüente inconfidência, ou mesmo o positivismo com a Proclamação da República e a objetividade científica tenham tentado de fato “superar” a religião, bem como as intervenções do campo do direito, economia e as ciências sociais durante os séculos XIX e XX, no Brasil, ela sempre esteve forte em sua possibilidade de dar significado, razão e sentido para as pessoas. A ideia de “retorno” relaciona-se aos

anúncios filosóficos de busca por liberdade e autenticidade e isso se relaciona com o processo árduo de secularização no Brasil. A este respeito podemos ler no estudo de Gilson Ciarallo, “A secularização do Brasil”:

Levando em conta uma visão analítica tríplice, eventos e circunstâncias históricas são compreendidos a partir de três processos, todos eles entendidos como secularização em níveis de análise distintos: o processo de autonomização das esferas em relação à religião, no nível de análise macro; o processo de pluralização da religião, no nível de análise meso; e o processo de privatização da religião, no nível de análise micro. O primeiro destes processos é analisado considerando-se a autonomização do Estado, da educação e do direito, processos estes que se efetuam no Brasil em circunstâncias e momentos decisivos. O segundo, através de um olhar para as transformações da esfera religiosa brasileira, a qual se diversifica e toma as formas de um “mercado religioso” competitivo. O terceiro processo é examinado considerando-se o advento, no Brasil, da religião como assunto da esfera privada, num contexto de grande mobilização religiosa, pertencimentos múltiplos e variadas composições religiosas individuais.

A observação desses processos ao longo da história conduz à compreensão da secularização do Brasil como processo decisivo e efetivado. Outrossim, os aspectos que levam os cientistas sociais a hesitar na atribuição do caráter secularizado à sociedade brasileira são os mesmos que atestam vigorosamente a plena efetivação da secularização (Ciarallo, 2005, p. 265-266).

Portanto, a ideia do “retorno” da religião no Brasil pode ser compreendida a partir de fatores socioculturais, políticos e econômicos. Vale destacar que o Brasil é uma nação caracterizada por uma diversidade religiosa notável, onde diferentes tradições coexistem e influenciam o tecido social de maneiras distintas, sob processos históricos de miscigenação de raças. Temos aqui desafios socioeconômicos e a ânsia por busca de sentido na religião. O Brasil sempre enfrentou desafios socioeconômicos significativos por ser subdesenvolvido, sendo marcado pela desigualdade, violência e instabilidade política. Em períodos de incerteza, as pessoas muitas vezes buscam respostas e consolo em suas crenças religiosas e ligam-se a perspectivas peculiares de idiosincrasia, sendo movidas por vontades intrínsecas ao medo.

Dessa maneira, o “retorno” da religião pode ser interpretado como uma resposta à busca por sentido e esperança diante de desafios complexos e relaciona-se com as transformações culturais de busca por identidade, já que as crescentes e rápidas mudanças culturais e transformações na sociedade brasileira podem influenciar a forma como as pessoas se relacionam com a religião. O “retorno” da religião pode refletir um desejo de

preservar ou reconstruir aspectos identitários e culturais que são percebidos como fundamentais para a coesão social. Frente ao papel político e ativismo religioso, podemos pensar então que a religião muitas vezes desempenha um papel importante na esfera política brasileira.

Para Vattimo (2000, p. 92), o “retorno” da religião não se dá como uma restauração do sagrado tradicional ou da autoridade religiosa absoluta, mas como uma reinterpretação secularizada e pluralista da espiritualidade. Esse retorno está profundamente ligado ao processo de secularização, entendido como um esvaziamento (ou *kénosis*) da transcendência e das estruturas metafísicas, permitindo que a religião volte ao espaço público de maneira diferente, enfraquecida e aberta ao diálogo.

Diferente do que ocorre em certos contextos de ativismo religioso, onde líderes buscam influência política direta para moldar agendas sociais e políticas, o retorno da religião em Vattimo não visa à restauração de uma verdade única ou à imposição de uma autoridade religiosa. Pelo contrário, ele vê esse retorno como um fenômeno pós-metafísico, no qual a religião abandona suas pretensões hegemônicas e abre espaço para um pluralismo de crenças e interpretações. Em vez de ocupar o lócus do poder e da dominação, a religião secularizada oferece uma nova forma de convivência ética baseada na caridade, na solidariedade e no diálogo.

O conceito de reconfiguração do espaço público também é central para Vattimo. Ele reconhece que a laicidade do Estado é fundamental, mas o retorno da religião na sociedade pós-moderna não implica a subordinação do espaço público a dogmas religiosos. Ao contrário, este retorno sugere uma pluralização do sagrado, onde diferentes tradições religiosas podem dialogar e coexistir, sem que nenhuma delas busque a dominação política ou o controle das políticas públicas. Esse retorno enfraquecido da religião permite um diálogo inter-religioso mais profundo, embora ainda haja tensões entre tradições majoritárias, como o catolicismo, e outras formas de religiosidade que emergem nesse contexto pluralista.

A ideia de “retorno” da religião em Vattimo se fundamenta no conceito de *Verwindung*, que ele toma de Heidegger. Essa noção não implica simplesmente a superação completa ou substituição das formas religiosas tradicionais, mas sim uma espécie de “distorção” ou reapropriação delas dentro de um novo contexto histórico. Não se trata de um retorno triunfante ou de uma forma superior ao passado religioso, mas de

um processo contínuo de reinterpretação e enfraquecimento das estruturas dogmáticas e metafísicas que outrora sustentavam a religião. Para Vattimo, esse retorno está profundamente vinculado à secularização, que ele não vê como o desaparecimento da religião, mas como o seu esvaziamento (*kénosis*), permitindo que ela se reintegre na modernidade de maneira diferente. A secularização é, na verdade, o próprio destino da modernidade, onde a transcendência divina se reconfigura e se torna acessível de uma nova maneira, menos autoritária e mais dialógica.

Essa nova forma de religião não tem contornos rígidos ou bem definidos. Ela é fluida, fragmentada e aberta à pluralidade, refletindo a condição histórica e cultural de nossa época. Assim, o retorno da religião não é um movimento de restauração, mas um processo de adaptação e transformação, em que a espiritualidade se ressignifica para lidar com as condições contemporâneas sem perder suas raízes na tradição.

O diálogo inter-religioso e a coexistência de diferentes tradições podem influenciar a maneira como as pessoas praticam e percebem a religião, contribuindo para um ambiente mais tolerante e diversificado e, sobretudo, o impacto da tecnologia e mídia que, pela disseminação cada vez mais rápida e fluida da conectividade global, facilitadas pela tecnologia e pela mídia, também desempenham um papel na dinâmica religiosa. O “retorno” da religião hoje molda a forma como as práticas religiosas são divulgadas, discutidas e compartilhadas online, sobretudo, de como as religiões hoje no Brasil apresentam desafios e oportunidades.

No Brasil, o “retorno” da religião pode ser interpretado à luz do pensamento de Vattimo como um processo de reconfiguração da espiritualidade dentro de um contexto secularizado e pluralista. Há elementos em comum com a Europa, pois a secularização no Brasil não eliminou a religião, mas a transformou, adaptando-a às circunstâncias históricas, culturais e sociais da modernidade. No caso brasileiro, essa transformação ocorre de maneira única, devido à confluência de múltiplas tradições religiosas (catolicismo, protestantismo, religiões afro-brasileiras, espiritismo, dentre outras) e à intensa participação religiosa no espaço público.

A possibilidade de compreender essa proposta de “retorno” da religião no Brasil, então, não implica um simples resgate das formas religiosas tradicionais ou dogmáticas, mas uma distorção e reinvenção da religiosidade, ainda sob disputa de laicidade no contexto da secularização. O crescimento de igrejas evangélicas, por exemplo, pode ser

visto como um reflexo desse retorno, onde a religião, embora continue influente, se adapta às demandas sociais e culturais contemporâneas, utilizando a mídia, o marketing e a política como formas de interação com o público e atendendo a demandas que nem sempre a iniciativa pública supre: seja pela cultura, seja pelas ressonâncias de elementos nesses espaços, abrindo espaços para experiências de lazer e integração.

A religião fortalece comunidades e proporciona consolo espiritual, onde também é importante considerar como isso impacta as questões de diversidade, pluralidade e direitos individuais. Por isso, tomamos como ponto de partida na compreensão do “retorno” da religião no Brasil a abordagem multidisciplinar que leve em conta as complexidades e nuances dessa dinâmica, reconhecendo a diversidade de experiências e interpretações dentro da sociedade brasileira, não sendo apenas um agente dono da verdade ou da linguagem que privilegia determinado discurso do ponto de vista único e exclusivista.

Na perspectiva de Vattimo (2004a), a linguagem pós-metafísica, já presente na filosofia ocidental, para além de ser uma mera condição de possibilidade, pode ser interpretada como o meio no qual o pensamento fraco, a saber, uma ontologia viável após a dissolução da metafísica, deve se manifestar. Portanto, Vattimo utiliza diversos termos associados a essa tradição como conceitos-chave em sua filosofia. Além de *kénosis* (esvaziamento de Deus), a noção de *caritas* (caridade, amor e altruísmo) prevalece em seu pensamento, percebendo a secularização como um caminho positivo de desenvolvimento do cristianismo na história, aproximando Jesus em seu âmbito mundano, a experiência religiosa humana pode adquirir uma dimensão autêntica e sagrada da vida, abrangendo o respeito pelas diferenças, a valorização da pluralidade e a defesa da vida. Nesse contexto, é plenamente possível harmonizar a crença religiosa com o mundo secular. Com a compreensão kenótica de Deus, os fiéis têm a possibilidade de integrar sua fé com os avanços e descobertas produzidos pela humanidade. O processo de secularização permite o reconhecimento da herança cristã, especialmente o princípio da *caritas* e a rejeição da violência. Vattimo afirma que “a única verdade que as Escrituras nos revelam, aquela que não pode ser desmistificada com o tempo – já que não é um enunciado experimental, lógico ou metafísico, mas um apelo prático – é a verdade do amor, da *caritas*” (Vattimo; Rorty, 2006, p. 71). Apesar de ser uma discussão profundamente filosófica, a dissolução da metafísica só alcança suas consequências mais

profundas quando reconhecemos que ela é orientada pelo princípio da caridade e responde ao apelo cristão.

No entanto, a distorção da moderna perspectiva liberal, que transformou o cerne da identidade pessoal, originalmente ancorado na corporeidade, em um centro de vontade individualista e comercial, ainda torna o sujeito hoje como único determinante da liberdade e, por extensão, da sociedade, do Estado e da religião e isso também é um profundo sintoma da reação pós-moderna. Curiosamente, ao exagerar no individualismo, essa abordagem paradoxalmente acaba por dissolver sem dificuldades a identidade pessoal de cada corpo em uma “alma global”. Por isso, então, é que essa entidade pode ser concebida como cósmica, sistêmica, relacionada a energias do universo ou associada a energias internas aos sistemas de consumo e midiáticos. Logo, a diversidade religiosa no Brasil implica numa perspectiva prática e teoricamente panteísta da realidade. Ao divinizar diversas facetas da existência, tudo converge para o universal, podendo ser vista como uma reinterpretação do ente supremo da metafísica clássica, ao desvincular a ideia de um ser absoluto, transcendente e pessoal, tradicionalmente central na concepção metafísica, para uma visão mais difusa e imanente. Portanto, a diversidade religiosa acaba se assemelhando ao ateísmo, ou a um “cristianismo não religioso”, no qual o foco não está em dogmas ou em uma relação pessoal com um Deus, mas em uma experiência espiritual mais difusa e plural, conectando todas as facetas da existência a uma energia universal.

Por sua vez, o ateísmo leva à absolutização do imanente, seja do ser humano, das forças naturais ou cósmicas, ou até mesmo da sociedade, do Estado, da nação, de sistemas globais, entrando assim num ciclo interminável em que ecoa o politeísmo pagão, enquanto multiplicação ou absolutização de elementos humanos ou sociais que passam a ser tratados de maneira quase divina, como as forças da natureza, a sociedade, o Estado, ou até a nação. A sugestão aqui é que, mesmo em contextos modernos, há um retorno a um tipo de “divinização” dessas forças, similar ao politeísmo de culturas antigas, isso é, tanto o ateísmo como o monoteísmo absolutista podem levar à adoração de entidades, seja um único Deus ou um conjunto de forças imanentes. Ambos os modelos, de certa forma, têm a tendência de absolutizar o que é visto como “divino”, seja ele transcendental ou imanente. Essa dinâmica apresenta semelhanças paradoxais com o denominado “monoteísmo” absolutista, pois ambos tendem a absolutizar as realidades divinizadas,

como ocorre nos sistemas contemporâneos de consumo e na concepção do indivíduo moderno. Vattimo (2002) emprega uma expressão comum em relação à religião, ou de maneira equivalente, à experiência religiosa, ao caracterizá-la como um “êxodo”. O autor amplia esse significado ao afirmar que esse “êxodo”, considerado dessa maneira, implica o sentido de uma “viagem de volta”, de “retorno”. Nessa perspectiva, torna-se plausível a ideia de uma religião que ressurge, pois, de acordo com essa concepção, a dinâmica fundamental da religião está centrada no “retorno”.

É possível pensar o “retorno” da religião no Brasil a partir de Vattimo (2002, p. 117), utilizando os conceitos de *Andenken* (memorização nostálgica) e *convalescença* (*Verwindung*) para iluminar essa dinâmica. O conceito de *Andenken* exige uma compreensão filosófica mais profunda, especialmente à luz de sua herança heideggeriana, e não deve ser confundido com uma simples nostalgia do passado ou com um apelo a uma “retrotopia”, entendida como o desejo de retornar a um tempo passado idealizado. Em sua dimensão ontológica, *Andenken* refere-se a uma memorização que não se limita a reviver o passado de maneira literal, mas envolve uma reinterpretação do que foi vivido, com o intuito de dar novo significado ao presente e à existência humana. Nesse sentido, a memorização é um processo interpretativo que não busca restaurar o passado, mas compreender suas implicações para a configuração do ser no mundo contemporâneo.

Esse conceito, herdado de Heidegger, está intrinsecamente relacionado à maneira como o ser humano interpreta o mundo e, conseqüentemente, transforma sua relação com o tempo. Ao invés de ser uma simples evocação nostálgica, *Andenken* implica uma reinterpretação do passado que é crucial para a compreensão da realidade presente. Não se trata de um retorno a um estado idealizado, mas de um esforço para reinterpretar as tradições e os valores passados em uma chave que dialoga com as questões da contemporaneidade.

No contexto brasileiro, a ressurgência de símbolos, rituais e crenças religiosas, embora muitas vezes associada a uma tentativa de reconexão com as raízes e com a identidade cultural, deve ser entendida não como uma busca por autenticidade ou um retorno ao passado, mas como um fenômeno que se insere em uma dinâmica de *Andenken*. Num cenário de modernidade e secularização, esse “retorno” ao sagrado não configura uma busca por uma “retrotopia”, mas uma reinterpretação de símbolos como a cruz, que, em diferentes contextos, continuam a desempenhar um papel significativo na vida social

e cultural. Esse movimento de ressignificação das tradições religiosas pode ser visto como uma resposta às incertezas e fragmentações da contemporaneidade, além de ser uma resistência ao niilismo ativo, característico de uma era marcada pela desvalorização dos valores tradicionais e pela busca incessante por sentido em um mundo plural e fragmentado.

Portanto, o conceito de *Andenken*, segundo Vattimo, não deve ser reduzido a um retorno sentimental ao passado, mas deve ser compreendido como uma prática interpretativa, essencialmente ontológica, que busca reconectar o presente com as tradições de maneira crítica e criativa, ressignificando-as à luz das necessidades e desafios da contemporaneidade.

Além disso, a ideia de *convalescença*, entendida como aspecto do pensamento fraco, destaca a capacidade de adaptação e reinvenção das tradições religiosas. Em um contexto brasileiro caracterizado pela pluralidade e diversidade, as religiões estão se transformando, incorporando novos significados e práticas que dialogam com as exigências do mundo moderno. Essa convalescença permite que as comunidades religiosas se reinventem, estando na crise do humanismo moderno e buscando um lugar no espaço público que reconheça a multiplicidade de experiências e crenças. Esse conceito destaca a relação do ser humano com o tempo, enfatizando a constante interpretação do mundo e sua transformação ontológica. Assim, *Andenken* é uma prática ontológica que busca integrar o passado de forma crítica e existencial ao presente, de maneira que o ser humano se descobre sempre já lançado no mundo de seus afazeres e ocupações, desempenhando um papel central na compreensão da realidade, por meio de sua interação e experiência cotidiana no mundo.

Assim, o “retorno” da religião no Brasil, à luz dos conceitos de Vattimo, pode ser visto como um processo dual: por um lado, há uma rememoração nostálgica que resgata tradições do passado, enquanto, por outro lado, as religiões também se adaptam e se transformam em resposta ao contexto contemporâneo. Essa dinâmica evidencia uma secularização que não nega a religiosidade, mas a reconfigura em um espaço onde o sagrado e o profano se entrelaçam, refletindo a complexidade da experiência religiosa no Brasil. Essa abordagem nos permite entender que o “retorno” da religião não é uma simples recrudescência de formas tradicionais, mas um fenômeno multifacetado que

envolve tanto a lembrança do passado quanto a busca por novas formas de expressão e significado na atualidade.

Identificamos, portanto, duas razões para esse fenômeno de “retorno” do religioso, conforme delineado por Vattimo: *A primeira razão* assume um caráter apocalíptico, violento e metafísico, relacionado ao surgimento de seitas, à influência de doutrinas orientais na sociedade ocidental, à revitalização das igrejas (especialmente as cristãs) e a diversos “modismos” espiritualistas. Segundo Vattimo, esse ressurgimento do sagrado teve início logo após a Segunda Guerra Mundial e também poderíamos acrescentar, no caso do Brasil, no período pós-Era Vargas, como uma reação urgente aos riscos de uma guerra nuclear, instabilidade política e as consequências do populismo, bem como do autoritarismo. Atualmente, esse “sentimento terrível” pode ser percebido diante de outros desafios globais, como os impactos na ecologia, as complexidades da manipulação genética e questões existenciais, incluindo a perda de sentido da existência, destacada pelo consumismo desenfreado. Assim, o “retorno” da religião pode ser compreendido, em primeiro lugar, como resultado de uma experiência fundamentalmente marcada pelo medo. *A segunda razão* para o ressurgimento do sagrado atualmente, que merece atenção e convoca a filosofia para o debate, não está relacionada às características “assombrosas”, mas sim à dissolução dos sistemas científicos que deveriam proporcionar segurança e respostas verdadeiras às questões humanas. No entanto, conforme argumenta Vattimo, esse sistema também falhou em cumprir sua função. O pensamento e meio técnico-científico e a sociedade da organização total não foram capazes de suplantar completamente a religião. O “retorno” da religião, portanto, não é um evento acidental, mas uma forma específica de transfiguração da religião. Não se trata simplesmente de um “retorno” ao que foi esquecido, mas sim de uma outra maneira de recuperar ou resgatar o sentido do religioso nos tempos atuais, sob estratégias e estruturas estabelecidas por uma espiritualidade aflorada com diferentes contornos e colorações.

O sentido da secularização em Vattimo

Para Vattimo (2018a, p. 50), a secularização representa um processo multifacetado que transcende a simples noção de perda do sentido do sagrado, frequentemente associada à modernidade. O fenômeno da secularização é a redução do sagrado na própria essência da modernidade e dos ensinamentos da essência religiosa e de seus mitos originários,

encontrando um “texto” comum sob transcrições ontológicas fracas. Ele propõe uma ampliação e reformulação desse conceito, entendendo a secularização de maneira positiva como uma diluição das fronteiras entre o sagrado e o profano. Essa dinâmica resulta na impregnação do sagrado nas vivências e conceitos da sociedade pós-moderna, revelando uma interconexão entre religião e vida cotidiana que desafia a dicotomia tradicional. É aquilo que Nietzsche já entendia como fenômeno sócio-histórico que é a *Morte de Deus*, ou seja, a dessacralização do sagrado violento, bem como a racionalização da sociedade moderna. Em *Crer que se cré*, Vattimo escreve:

se a secularização, ou seja, a transformação “reduativa” do sagrado metafísico-natural em virtude da relação de amizade que Deus decide estabelecer com o homem e que é o sentido da encarnação de Jesus, é a essência da história da salvação, o que deve ser posto ao vínculo indevido da doutrina cristã com essa ou aquela determinada realidade histórica é a disponibilidade mais total a ler “os sinais dos tempos”, portanto, a se identificar sempre de novo com a história reconhecendo francamente a própria historicidade (Vattimo, 2018a, p. 50).

A crítica da modernidade, influenciada por pensadores como Joaquim de Fiore, Nietzsche e Heidegger, leva Vattimo a anunciar o “fim da metafísica”. Nesse contexto, o niilismo é interpretado positivamente como uma ruptura com as estruturas rígidas da filosofia moderna e uma abertura para novos modos de pensamento e aberturas religiosas. Neste novo paradigma, a metáfora assume um papel central, refletindo a secularização do pensamento filosófico e sua correspondência com a transformação da religiosidade contemporânea.

Vattimo também sugere que as características da “Idade do Espírito Santo” se assemelham à “sociedade transparente”, marcada pela ubiquidade da informação e pela desestabilização das verdades absolutas. Neste cenário, ele estabelece o princípio da caridade como critério de verdade e limite da secularização, enfatizando que a verdadeira essência da secularização reside em sua capacidade de promover um espaço de diálogo e convivência entre diferentes visões de mundo, valorizando a experiência humana e a pluralidade de significados. Assim, a secularização se configura não apenas como um processo de desencanto, mas como uma oportunidade para a reconstrução do sentido do sagrado num contexto contemporâneo e político.

A ideia de não mais enfrentarmos a história como “linha linear” é fundamental na análise da secularização para Vattimo (1989, p. 13), pois ele critica a noção de uma

história linear e progressiva que supõe um avanço contínuo da religião para a secularização. Essa visão, segundo ele, simplifica a complexidade das interações entre religião e modernidade. Em vez de um único caminho histórico, Vattimo argumenta que a secularização se manifesta de maneiras diversas em diferentes contextos culturais e sociais, refletindo uma “pós-historicidade”, onde tradições religiosas coexistem e se adaptam a novas realidades.

Vattimo (2018a), orienta a secularização como parte de uma “aventura da diferença”, sugerindo que o enfraquecimento das estruturas metafísicas fortes (como as instituições religiosas tradicionais) não significa a erradicação do sagrado, mas sua transformação numa pluralidade de manifestações fragmentadas e abertas.

Nesse sentido, o Brasil emerge como um exemplo vivo dessa reconfiguração do sagrado. A secularização, no Brasil, diferente do processo europeu, pois não é marcada por uma rejeição definitiva da religião, mas por uma espécie de “enfraquecimento” – o esvaziamento do divino. Assim, o que vemos no Brasil não é o desaparecimento do sagrado, mas sua “rebaixada” à cotidianidade e pluralidade. O sincretismo religioso, a ascensão das igrejas neopentecostais e a contínua presença do discurso religioso na política ilustram esse processo. Aqui, o sagrado não é algo transcendente e distante, como nas formas religiosas mais tradicionais, mas próximo, pragmático, e adaptado às exigências da modernidade. A secularização brasileira é um exemplo concreto do que Vattimo identifica como o esvaziamento dos grandes discursos metafísicos e o advento de uma religiosidade mais fraca, mais fragmentada e mais plural. O sagrado, no Brasil, não desaparece, mas se transforma em algo que dialoga com a cultura local, a modernidade e a política, mantendo-se relevante de uma forma que, segundo Vattimo, reflete a própria essência da secularização enquanto uma abertura à diferença e à multiplicidade. Contudo, a secularização no Brasil é ainda um processo inacabado e nem sempre é expresso em linguagem comum.

O lugar da espiritualidade na era secular

De acordo com as ideias de Vattimo (2004b), em sociedades pluralistas e pós-modernas, as instituições religiosas tradicionais podem perder sua autoridade moral e sua influência sobre as questões sociais e políticas. A “religião fraca” de Vattimo defende uma abordagem mais flexível e menos dogmática em relação à fé, de modo que as tradições

religiosas se abram para interpretações diversas e adotem uma postura mais inclusiva em relação à diversidade de crenças.

Nesse sentido, as instituições religiosas tradicionais precisariam se adaptar a uma compreensão mais fluida e menos rígida da fé. No contexto brasileiro, algumas instituições religiosas tradicionais têm enfrentado desafios devido ao crescimento do secularismo, pluralismo religioso e mudanças sociais. No entanto, muitas delas também têm buscado se adaptar para manterem sua relevância. Algumas estratégias que têm sido observadas incluem a ênfase na experiência e espiritualidade pessoal, onde instituições religiosas buscam enfatizar a dimensão experiencial e espiritual da fé, oferecendo práticas que conectam os indivíduos de maneira mais direta com suas crenças e também a participação em questões sociais atuais, onde as instituições religiosas têm buscado manter relevância, envolvendo-se em questões sociais contemporâneas como justiça social, meio ambiente e direitos humanos e, mais precisamente, na estratégia do diálogo inter-religioso, reconhecendo e respeitando a diversidade de crenças e buscando pontos de convergência. Hoje, a espiritualidade precisa estar dentro dos sistemas simbólicos que englobam afeições e percepções para as identidades.

Carlos Alberto Pinheiro Vieira, em sua dissertação de mestrado *O enfraquecimento das estruturas fortes e o retorno à religião: a proposta de Gianni Vattimo para o cristianismo contemporâneo* (2011), reflete:

Em muitos momentos, as crenças são apresentadas como exclusivas e excludentes. Para herdar o legado das tradições, deve-se aprender a interpretá-las como puros sistemas simbólicos, que falam de uma determinada dimensão da realidade que, propriamente dita, não pode ser expressa com palavras. As tradições religiosas, lidas sem crenças, são narrativas, mitos, símbolos, instruções e avisos para fazermos o caminho espiritual. [...] Para Gianni Vattimo, o desafio atual é que as Igrejas devem ser destinadas à mais profunda mudança de coração e contemplação e menos dedicadas à luta pelo poder, e isso representaria para ele “um redescobrir a fé cristã”. Gianni Vattimo busca, na fidelidade à palavra e ação de Jesus atribuindo ao cristianismo de hoje a responsabilidade de exercer, plenamente, a caridade. Na verdade, no momento em que Jesus chama à conversão, não se trata de conversão para as crenças ou rituais de qualquer religião, que não seja do amor (Vieira, 2011, p. 72 e 75).

Os desafios da diversidade religiosa e da tolerância são questões cruciais numa sociedade cada vez mais pluralista, e essas dinâmicas têm implicações significativas para a coexistência pacífica e o respeito mútuo entre diferentes visões de mundo. Vattimo

(2004b), como filósofo pós-moderno, traz algumas ideias que podem ser relacionadas a esses desafios como o de confronto de visões de mundo. Ele sempre defende que a aceitação da pluralidade é essencial para promover a coexistência pacífica e o ressurgimento de tensões religiosas, pois, na medida em que diferentes grupos religiosos coexistem, podem surgir tensões e conflitos, especialmente quando as crenças de um grupo entram em conflito com as práticas ou valores de outros. Isso pode criar desafios para garantir uma convivência harmoniosa. A superação dessas divergências exige um esforço contínuo de construção de pontes e compreensão mútua e que também envolve relação com a política, uma vez que atualmente o âmbito político brasileiro deixa bem explícito falas e discursos que evidenciam como as diferenças religiosas podem influenciar a formulação de políticas públicas, legislação e debates sociais.

Com efeito, a separação entre Estado e religião, fundamental para garantir a liberdade religiosa, pode ser testada em contextos nos quais as agendas políticas são influenciadas por visões religiosas específicas. Frente à laicidade e neutralidade religiosa é importante frisar que a laicidade visa garantir a igualdade e a liberdade religiosa para todos. No entanto, desafios surgem quando há pressões para que certas crenças religiosas influenciem diretamente a legislação ou as políticas públicas, assim como o papel da educação com a necessidade da inclusão de currículos que ensinem sobre diversas tradições religiosas e promovam o respeito à diversidade pode ser uma estratégia importante para construir uma sociedade mais tolerante. Os desafios da diversidade religiosa e da tolerância estão intrinsecamente ligados à política, influenciando a dinâmica social e as decisões políticas numa sociedade pluralista. A busca por soluções eficazes requer um esforço conjunto para promover o respeito mútuo, a compreensão e a criação de estruturas políticas que garantam a igualdade e a liberdade religiosa para todos, sob um novo paradigma.

Carlos Alberto Pinheiro Vieira, já citado, escreve a este propósito:

Em consequência, o Deus que reaparece na pós-modernidade não é mais o Deus violento apresentado pela metafísica clássica. Segundo Evilázio Teixeira (2005, p. 377), “é através dessa sociedade pós-moderna que se dá lugar ao surgimento da cultura da tolerância, baseada na diversidade, e conseqüentemente menos dogmática”. [...] Para uma interpretação vattimiana da pós-modernidade, a crise do cristianismo faz parte da crise geral de todas as “grandes narrativas”. Mais especificamente, o destino do cristianismo está selado com o advento

de um mundo e de uma cultura pós-metafísicos, caracterizados como “pensamento débil” (Vieira, 2011, p. 60).

As implicações da negação da verdade para as religiões

O ressurgimento da religiosidade no fim do século XX e início do século XXI tem como expressão o espírito pós-metafísico, libertando visões de mundo e atenuando verdades absolutas. De acordo com Vattimo (2004b), a crise nos fundamentos metafísicos proporcionou um solo propício para uma potencial renovação da vivência religiosa, que, na esfera filosófica, coincidiu com a supressão das fundamentações filosóficas do ateísmo. Isso se deve ao fato de que, para refutar a existência de Deus, seria necessário adotar uma perspectiva absolutista que a crítica à metafísica invalidou. O problema a considerar em relação ao espaço aberto para as religiões após o declínio da metafísica é justamente a natureza desse novo terreno. Isso implica, de maneira decisiva, que até mesmo o discurso religioso deve reconhecer sua própria historicidade. Pois, assim como não é apropriado para a ciência e a filosofia reivindicar verdades absolutas apoiadas na crença em uma estrutura objetiva do mundo, a mesma postura não convém às religiões. Não se trata necessariamente de renunciar aos dogmas religiosos, mas sim de afirmá-los explicitamente como elementos de fé, compreendendo que não são descrições objetivas da ordem do mundo e o fundamentalismo é uma marca do distanciamento disso.

No Brasil, a negação da verdade se manifesta de várias formas. As diversas tradições religiosas coexistem em um ambiente caracterizado pela tolerância e pelo intercâmbio cultural, refletindo a pluralidade e a diversidade que caracterizam a sociedade brasileira. A rejeição de verdades universais permite que as religiões se reinventem e se adaptem, dialogando entre si e com a secularização, num processo que Vattimo descreveria como uma “religião enfraquecida”. Nesse contexto, as comunidades religiosas podem encontrar novos significados e práticas que ressoem com as realidades contemporâneas, promovendo uma espiritualidade que é ao mesmo tempo pessoal e coletiva.

As implicações da negação da verdade para as religiões, a partir das contribuições das ideias de Vattimo, sugerem uma reconfiguração das identidades religiosas no Brasil, que pode ser tanto uma oportunidade de diálogo e reconciliação quanto um terreno fértil para tensões e conflitos. O desafio reside em como essas tradições religiosas podem

navegar nesse novo ambiente de pluralidade, buscando construir um espaço de respeito e coexistência que valorize a experiência espiritual sem a imposição de verdades absolutas.

Desse modo, a diminuição da verdade religiosa representa, para o cristianismo, mais do que uma mera possibilidade, sendo mesmo é um destino inevitável. A interpretação vattiminiana do cristianismo segue os preceitos de Joaquim de Fiore (1135-1202)⁵, para quem a narrativa cristã da salvação atravessa diferentes momentos e fases, revelando, historicamente, sua verdade à luz das transformações socioculturais de cada era. Segundo Vattimo, a sociedade pós-metafísica constitui o estágio final na interpretação da mensagem cristã, em que se desvincula da Igreja, assumindo um papel predominante como elemento cultural. A secularização, nas palavras de Vattimo (2004b, p. 60): “é intrínseca ao próprio destino do cristianismo, um desfecho de enfraquecimento que já foi anunciado pelo evento da encarnação de Deus.” Afinal, numa religião na qual seu Deus se torna humano para compartilhar a vida com os seres humanos, a compreensão é inevitavelmente de uma religião destinada a integrar-se ao espírito do mundo, desvinculando-se de qualquer pretensão transcendente absolutista.

A abordagem de Vattimo sobre a secularização da mensagem cristã, que essencialmente implica no enfraquecimento dos dogmas, previamente anunciado pela encarnação do Deus cristão, parte do pressuposto do abandono da interpretação literal e autoritária dos textos bíblicos. Ele argumenta que a ortodoxia e o rigorismo representam obstáculos impostos pela própria Igreja à manifestação mais ativa dos princípios cristãos do amor e da caridade. Vattimo critica, por exemplo, a resistência da Igreja Católica em permitir o acesso das mulheres ao sacerdócio, baseando-se no rigor histórico da escolha dos primeiros apóstolos. Ele argumenta que o desejo das mulheres de ingressar no sacerdócio é mais condizente com os princípios cristãos do que sua resignação em

⁵ Joaquim de Fiore – conhecido também por Gioacchino da Fiore – foi um abade cisterciense e filósofo místico, da região da italiana da Calábria, defensor do milenarismo e do advento da idade do Espírito Santo. No capítulo “Os ensinamentos de Gioacchino”, do livro *Depois da cristandade*, Vattimo mesmo escreve: “O que são as três idades que constituem o esquema da história segundo Gioacchino é algo bem conhecido. Elas se modelam de acordo com a articulação das pessoas da Trindade” (Vattimo (2004b, p. 42-43). E, na sequência, Vattimo mesmo cita diretamente o filósofo místico nestes termos: “Três são os estados do mundo que os símbolos dos textos sagrados nos prospectam. O primeiro é aquele em que vivíamos sob a lei; o segundo, aquele em que vivemos sob a graça; o terceiro, cujo advento está próximo, aquele no qual viveremos em um estado de graça mais perfeito. O primeiro transcorreu na escravidão, o segundo é caracterizado por uma *servidão filial*, o terceiro acontecerá sob a *instância da liberdade*. O primeiro é marcado pelo *temor*, o segundo pela *fé*, o terceiro pela *caridade*. O primeiro período é aquele *dos escravos*, o segundo o *dos filhos*, o terceiro o *dos amigos*. [...] O primeiro estado pertence ao *Pai*, que é autor de todas as coisas; o segundo ao *Filho*, que se dignou compartilhar a nossa lama; o terceiro ao *Espírito Santo*, sobre o qual diz o Apóstolo: ‘*Onde estiver o Espírito do Senhor, aí está a liberdade*’” (2004b, p. 43, grifos nossos).

renunciar a essa possibilidade. Da mesma forma, Vattimo defende a tolerância em relação às religiões marginais e às seitas heterodoxas ou sincretistas, criticando a condenação frequente praticada pela Igreja, pois acredita que a atitude tolerante seria mais alinhada ao espírito cristão do amor e da caridade. Mesmo considerando que a menção aos “outros” frequentemente se limite aos membros da própria religião, essa referência representa um pressuposto crucial para a potencial abertura das religiões em direção ao “outro” em sentido mais amplo, que inclui indivíduos de diferentes religiões e aqueles sem afiliação religiosa propriamente dita. De fato, o contexto pluralista das sociedades democráticas contemporâneas sugere e incentiva essa abertura. No entanto, tal evolução depende, evidentemente, de as religiões se alinharem com o espírito da época e revisarem suas concepções de verdade.

Considerações finais

Pelas reflexões e argumentações acima, podemos afirmar que hoje a espiritualidade pós-metafísica também afeta os brasileiros, sendo uma abordagem que se afasta das estruturas metafísicas rígidas, reconhecendo a fluidez e a pluralidade na busca do sentido espiritual. Essa perspectiva promove uma relação mais aberta e interpretativa com o sagrado, adaptando-se às mudanças culturais e incentivando a responsabilidade ética individual, bem como o enfrentamento da incerteza numa vida fragmentada e, por isso, é importante distinguir entre ética genuína, que se baseia na reflexão crítica e na consideração das necessidades e interesses de todos os envolvidos, e valores morais impostos pela Igreja, que representam uma forma de violência metafísica que limita a liberdade e a autonomia dos indivíduos.

Torna-se evidente, então, a complexidade e a relevância dos temas discutidos. Ao explorar as dinâmicas políticas, a polarização exacerbada e a negação da verdade, percebemos como esses fenômenos estão intrinsecamente entrelaçados com o ressurgimento da religião no contexto brasileiro. Gianni Vattimo (2006), com sua abordagem filosófica pós-metafísica, fornece um arcabouço teórico valioso para compreender as transformações espirituais em curso. A sua proposta de uma espiritualidade que transcende as fronteiras rígidas da metafísica oferece uma alternativa significativa diante do cenário polarizado e das disputas ideológicas que caracterizam nossa política contemporânea. No contexto brasileiro, onde as questões políticas se

mesclam com elementos religiosos, a análise aqui apresentada destaca o papel da religião na esfera pública como uma disputa por espaço. O “retorno” da religiosidade não ocorre isoladamente, mas como parte de um fenômeno mais amplo que envolve questões identitárias, sociais e políticas secularizadas. Ao considerar a espiritualidade pós-metafísica proposta por Vattimo, somos desafiados a repensar nossas concepções tradicionais de verdade e a abraçar uma perspectiva mais pluralista e tolerante.

A polarização exacerbada, na qual os debates são frequentemente reduzidos a confrontos entre visões opostas e inflexíveis é alimentada pela intolerância à divergência e à pluralidade de ideias, características típicas do “pensamento forte” e do fundamentalismo. Em vez de promover o diálogo e o entendimento mútuo, há um crescente campo de disputa que tende a fortalecer as divisões na sociedade, criando um ambiente de hostilidade e conflito. Além disso, a rigidez do “pensamento forte” e do fundamentalismo político muitas vezes impede a busca por soluções criativas e inclusivas para os desafios enfrentados pela nação. Em vez de explorar abordagens flexíveis e adaptáveis, os atores políticos se fecham em suas convicções, tornando difícil o progresso e a cooperação realmente eficazes. Portanto, para compreender a relação entre a ideia de “pensamento forte” e fundamentalismo é crucial analisar e abordar os problemas da polarização política no Brasil, pois fica claro que o campo religioso se esquivava à alteridade e promove violência metafísica quando sente que irá perder fiéis pela crescente desinstitucionalização religiosa.

Cabe aqui trazermos o apontamento de que a laicidade, no Brasil, elucida tensões frente ao pensamento de Vattimo (2018b, p. 165) que argumenta: Uma possibilidade de cristianismo não-religioso, enquanto uma religião que anula a si mesma, uma “religião não-religião”, há uma constante violência na busca por imperar o dogma do que é católico acima das demais religiões no espaço público. Nesse contexto, ou a pessoa se alinha enquanto “fraquista” cristão, ou ela se alinha entre os fundamentalistas racionais. Nos parece que, no Brasil, a caridade se manifesta como um reflexo da permanência do sagrado, adaptado e transformado, mas ainda profundamente presente na vida social, enquanto na Europa ela se institucionalizou de maneira mais distante da religiosidade, refletindo o enfraquecimento das estruturas religiosas que Vattimo associa ao processo de secularização. A insistência em impor um dogma católico sobre outras religiões resulta

numa forma de violência simbólica que limita a pluralidade religiosa, um fenômeno que Vattimo não considera em suas análises.

Diferentes abordagens das ciências da religião mostram que, ao invés de um espaço onde diferentes visões de mundo possam coexistir pacificamente, há uma pressão para que as outras crenças se alinhem aos princípios católicos, o que gera conflitos e marginalizações. Assim, a ideia de que um indivíduo se alinha a um “fraquista” cristão ou se junta aos “fundamentalistas racionais” nem sempre capta a complexidade das identidades religiosas em jogo no Brasil. O que ressoa com maior precisão é que Vattimo oferece uma contribuição significativa para a compreensão da secularização no Brasil, particularmente ao destacar a tensão entre a religião institucionalizada e as formas de religiosidade adaptadas ao contexto moderno. Embora sua análise da “religião não-religião” e do cristianismo não-religioso não se aplique diretamente à realidade brasileira, ela ilumina a persistência do sagrado no espaço público, mesmo num contexto de secularização. A perspectiva de Vattimo evidencia que a secularização não implica necessariamente no afastamento completo da religião, mas em uma transformação das práticas religiosas, que continuam a moldar e influenciar as dinâmicas sociais e culturais. Esse processo revela a complexidade da secularização, que não é linear nem homogêneo, mas envolve a transformação das estruturas religiosas tradicionais, enquanto elas continuam a influenciar profundamente as práticas sociais. No Brasil, a secularização é caracterizada por um processo de reinterpretação e transformação das formas de religiosidade, mantendo a religião como um elemento central na configuração social, e refletindo as tensões entre a preservação do sagrado e a pluralidade religiosa.

A caridade, por exemplo, manifesta essa permanência do sagrado, sendo um reflexo de uma religiosidade transformada, mas ainda profundamente presente na vida social. Esse fenômeno se alinha com a ideia de Vattimo de que as formas de religiosidade se adaptam e se transformam, sem desaparecerem. Além disso, sua análise da “violência simbólica” que ocorre quando um dogma religioso é imposto ao espaço público também é pertinente no contexto brasileiro, onde, muitas vezes, há uma pressão para que outras crenças se alinhem aos princípios católicos, limitando a pluralidade religiosa e gerando conflitos e marginalizações. Assim, Vattimo colabora para entender como, no Brasil, a secularização envolve um processo complexo de reinterpretação e adaptação das tradições religiosas, sem que elas se dissociem completamente da vida social.

Além disso, enquanto na Europa a caridade e as ações sociais tendem a ser institucionalizadas e distantes da religiosidade, no Brasil, a caridade ainda é um reflexo palpável da permanência do sagrado. Essa caridade está profundamente enraizada nas práticas religiosas e sociais, manifestando-se como um aspecto vital da vida comunitária e um núcleo cristão. Mesmo adaptada e transformada, a presença do sagrado continua a influenciar as relações interpessoais e as políticas sociais, sugerindo que, ao contrário do que acontece na Europa, onde o processo de secularização tem levado ao enfraquecimento das estruturas religiosas, no Brasil, a secularização não implica necessariamente num afastamento da religiosidade, mas um retorno peremptório nostálgico pela moralidade bioética e manutenção do que resta da metafísica: a ânsia de progresso, logo, a secularização no Brasil não segue o modelo europeu, onde a religião se distancia das práticas sociais, não implicando mais em um afastamento da religião, mas no reconhecimento de que a religião, ou a sua “ausência”, continua a ter um papel fundamental na constituição do sentido do mundo. O que é secular não é, portanto, uma negação da religiosidade, mas uma transformação das suas formas, que se adaptam aos tempos modernos, moldando pelo núcleo de solidariedade e a reinterpretação de rituais que se aproximam por meio da linguagem e que renovam o sagrado não mais pela presença, mas pela esperança, pois, o que antes distanciava (as verdades), agora é o que aproxima: a queda das verdades, seu gradual processo de redução.

As perspectivas de Paula Monteiro sobre a secularização, no Brasil, ao lado da discussão de Ricardo Mariano sobre o fundamentalismo, revelam como a religião se adapta e se transforma no contexto brasileiro mesmo que por diferencialismos igualitários, sem desaparecer, mas também sem se restringir ao modelo europeu de secularização. Enquanto Vattimo sugere que a secularização envolve um processo de enfraquecimento das estruturas religiosas tradicionais, no Brasil, a separação Igreja-Estado gerou um pluralismo religioso, mas a presença do sagrado permanece viva, influenciando a vida social e política. Mariano vê o fundamentalismo como uma reação a essa pluralidade, buscando restaurar uma visão dogmática e fixa.

A reflexão de Vattimo sobre a “religião não-religião” e a transformação da religiosidade se alinha com essa realidade brasileira, onde a religião, longe de estar extinta, se reinventa e se adapta, mantendo sua centralidade na vida social. Assim, a secularização no Brasil é mais um processo de adaptação e pluralização da religiosidade,

ao invés de um afastamento completo da fé e, embora a separação Igreja-Estado tenha gerado um ambiente de maior diversidade religiosa, a religião ainda desempenha um papel significativo na sociedade, adaptando-se aos tempos modernos racionalizados. A secularização no Brasil, nem sempre segue o mesmo padrão europeu de enfraquecimento da religiosidade, mas é um processo de reinterpretação e adaptação das tradições religiosas, em que o sagrado e sua redução continuam influentes. Compreender a secularização brasileira à luz desses pensamentos implica considerar um processo de secularização que desafia a concepção de dogmas rígidos, encarando a secularização como um fenômeno universal. Nesse contexto, a caridade ontológica emerge como uma transformação e reinvenção da religiosidade, marcada por conflitos constantes que abrem novos espaços interpretativos. Esse processo permite que a religiosidade não desapareça completamente, mas se reinvente, retornando frequentemente a uma veia cristã, enquanto o Ocidente se move em direção a novas formas de religiosidade e práticas sociais, sendo isso um movimento para fora.

O paradigma metafísico de religião, embora ainda não totalmente superado no Brasil pela profunda presença do “pensamento forte” (fundamentalismo), apresenta uma aspiração de ter a última palavra em discussões sobre o mundo, o ser humano e a sociedade. Essa abordagem é fundamentalmente incompatível com os princípios democráticos, uma vez que, ao acreditar possuir toda a verdade, também alega o dever ou o direito de impô-la aos outros, com uso da coerção e podendo tornar-se um fato social dentro do organismo vivo brasileiro. O autoritarismo inerente a esse modelo é antidemocrático devido à sua natureza impositiva, excludente e dogmática, não fomentando a cooperação, o respeito ou a harmonia, mas apenas a propagação da violência. A rejeição da via da violência, frequentemente latente nos embates fundamentalistas, emerge como o ponto de partida crucial para fortalecer o caminho em direção a um diálogo entre as diversidades, mas ainda sob olhos otimistas e de esperança. De acordo com Zabala (2006, p. 33): “é exatamente a perda da confiança na verdade e o fato de alcançar uma equivalência substancial de todas as posições que constituem o maior sucesso obtido com a desconstrução da metafísica.” Segundo nosso entendimento, este diálogo é essencial para o êxito das práticas democráticas, pois a violência, de longe, não serve aos interesses de uma coletividade social. Ao recusar a imposição autoritária da verdade e optar pelo diálogo, abre-se a possibilidade de construir pontes entre diferentes

perspectivas, fomentando a compreensão mútua e promovendo a coexistência pacífica no contexto democrático brasileiro.

Referências bibliográficas

BALEEIRO, Cleber A. S. *O sentido de secularização em Vattimo*. Revista Eletrônica Correlatio, n. 15, junho de 2009, p. 80-91. Disponível em: file:///C:/Users/HJS~1/FIL/AppData/Local/Temp/MicrosoftEdgeDownloads/1fac8c56-b91d-410b-982c-e1ce540a4e99/O_sentido_de_secularizacao_em_Vattimo.pdf. Acesso em: 27/09/2024.

BERGER, P. *A dessecularização do mundo: uma visão global*. Religião & Sociedade, v. 21, n. 1, 2001, p. 9-23. Disponível em: <https://religioesociedade.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Religiao-e-Sociedade-N21.01-2001.pdf>. Acesso em: 27/09/2024.

BOTTONI, Irineu José. *A “debilidade” da religião à luz do pensamento de Gianni Vattimo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Centro de Ciências Humanas Sociais e Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022, 111 p. Disponível em: https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/16719/irineu%20jose%20bottoni%20chsa_ppger_disserta%c3%a7%c3%a3o_b_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27/09/2024.

BOTTONI, Irineu José. *Fundamentalismo e suas interpretações: violência metafísica no pensamento de Gianni Vattimo*. In: CAMPOS, Breno Martins (org.). *Fundamentalismos religiosos em perspectivas: Diferentes abordagens das Ciências da Religião*. São Paulo: Pluralidades, 2022.

CIARALLO, Gilson. *A secularização do Brasil: autonomização, pluralização e privatização da religião*. Resumos das teses e dissertações apresentadas no PPG-SOL/UnB. Sociedade e Estado, Brasília, v. 20, n. 1, jan./abr. 2005, p. 257-279. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/4jKFv3hzQ6f53h8FcpWy8LD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 27/09/2024.

MARIANO, Ricardo. *Secularização do Estado, liberdades e pluralismo religioso*. 3er Congresso Virtual de Antropología y Arqueología. Disponível em: https://www.equiponaya.com.ar/congreso2002/ponencias/ricardo_mariano.htm. Acesso em: 29/09/2024.

MONTEIRO, Paula. *Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil*. Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 13, n. 1, 2009, p. 7-16. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/1195>. Acesso em: 27/09/2024.

MOTA, Maurício Sandro de Lima. *Negação da verdade e comunismo hermenêutico: a dimensão política do pensamento de Gianni Vattimo*. Tese (Programa Integrado de Pós-Graduação em Filosofia), Universidade Federal de Pernambuco, 2017, 148 p. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/27713/1/TESE%20Maur%c3%adcio%20Sandro%20de%20Lima%20Mota.pdf>. Acesso em: 27/09/2024.



OLIVEIRA, Francisco Elvis Rodrigues. *O retorno da religião na pós-modernidade sob a perspectiva do pensiero debole de Gianni Vattimo*. *Polymatheia – Revista de Filosofia*. Fortaleza, v. 10, n. 17, jul./dez. 2017, p. 90-110. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/5875/4740>. Acesso em: 27/08/2024.

SOUTO, Felipe de Queiroz. *Lançar fora o Deus criador: a crítica de Gianni Vattimo à bioética católica*. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, Juiz de Fora*, v. 26, n. 2, jul./dez. 2023, p. 43-70. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/41336/26712>. Acesso em: 27/09/2024.

TANAKA, Marcela. *Secularização, laicidade e espaço público: como pensar a política contemporânea brasileira à luz da religião?* *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 3, 2020, p. 169-188. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/bVqTsHZSmSwkVfZFhShr9cg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27/09/2024.

TEIXEIRA, Evilázio Borges. *A fragilidade da razão: pensiero debole e niilismo hermenêutico em Gianni Vattimo*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

VATTIMO, G. *Adeus à verdade*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2016.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Tradução de Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

VATTIMO, Gianni. *Crer que se crê: é possível ser cristão apesar da Igreja?* Petrópolis: Vozes, 2018a.

VATTIMO, Gianni. *Creer que se cree*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2004a.

VATTIMO, Gianni. *Depois da cristandade: por um cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro: Record, 2004b.

VATTIMO, G. *Não ser Deus: Uma autobiografia a quatro mãos*. Tradução de Federico Carotti. Petrópolis: Vozes, 2018b.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VATTIMO, Gianni. *Igrejas sem religião, religião sem igrejas?* Tradução de Dennys Garcia Xavier. *Interações: Cultura e Comunidade, Uberlândia*, v. 5, n. 7, jan./jun. 2010, p. 165-172. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6458/5913>. Acesso em: 27/09/2024.

VATTIMO, Gianni. *O vestígio do vestígio*. In: VATTIMO, G.; DERRIDA, J. (org.). *A religião: O Seminário de Capri*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

VIEIRA, Carlos Alberto Pinheiro. *O enfraquecimento das estruturas fortes e o retorno à religião: a proposta de Gianni Vattimo para o cristianismo contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2011, 80 p. em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/357/1/carlos_alberto_pinheiro_vieira.pdf. Acesso em: 27/09/2024.



ZABALA, Santiago (ed.); RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni. *O futuro da religião: Solidariedade, caridade e ironia*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2006.